
ROSA MARIA EGIPCIACA DA VERA CRUZ: O LADO AVESSE DA HISTÓRIA

Cláudia Castanheira

RESUMO

Este estudo objetiva tecer algumas considerações acerca do romance *Rosa Maria Egipciaca da Vera Cruz*, de Heloísa Maranhão, apontando as relações existentes entre documento histórico e texto ficcional. Por meio da intertextualidade e da carnavalização, o romance realiza, nos moldes da estética pós-moderna, uma intervenção na biografia da escrava africana, reinventando, para resgatar, a condição feminina e a realidade histórica do sistema escravocrata ao tempo do Brasil colonial.

Palavras-Chave: História e Literatura, Representações afro-brasileiras

1. INTRODUÇÃO

Alguns períodos da história da literatura são bastante críticos, como ocorreu à época do movimento modernista, deflagrado em um momento histórico em que a representação realista da arte se revelou incapaz de captar com fidelidade a pluralidade de um mundo em permanente transição. Mas a chamada literatura pós-moderna aprofunda a crise de auto-representação, já que flagra um tempo histórico marcado por profundas contradições, perda dos referenciais, ausência de um sistema de valores e, conseqüentemente, de uma hegemonia estética no campo das artes. Uma boa parte da ficção brasileira, principalmente a dos anos 70 e 80, refletindo essa sociedade tangida pela crise de uma visão de mundo, viu-se levada a configurar-se sob novos padrões de escrita, instaurando simultaneamente novos pactos de leitura.

Os romances “históricos”¹ de Heloísa Maranhão surgem no circuito literário justamente nesse momento, e, bem aos moldes da estética pós-moderna, rompem com a

Mestre e doutora em Literatura Brasileira pela UFRJ. E-mail: csilvacast@ig.com.br.

organicidade da escrita romanesca tradicional para realizar uma paródia do romance histórico. A matéria de extração histórico-documental surge, então, estrategicamente manipulada para atender aos objetivos estético-ideológicos da narrativa².

Para os propósitos deste artigo, tomou-se como objeto de análise *Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz* (MARANHÃO, 1997)³, romance que se reporta ao espaço afro-brasileiro, em favor da livre ficcionalização da biografia oficial da escrava egípcia, transplantada à força da sua terra, a fim de cumprir o projeto de reificação humana que o sistema escravocrata legitimou. O clima de *nonsense*, de realismo mágico, é o suporte alegórico pelo qual se sublinham, pelo deboche e pela ironia, aspectos graves da realidade histórico-social brasileira. Todos os fatos históricos evocados, assim como as personagens que deles participam, são trazidos para a zona de contato familiar livre, um procedimento típico da literatura carnavalizada⁴.

A temática da escravidão aqui é o centro irradiador de outras questões não menos cruciais, como a prostituição feminina, a liberação sexual e a religião, com destaque para a omissão da Igreja Católica diante do sistema escravocrata.

¹ O termo aparece entre aspas devido ao deslocamento de sentido introduzido pela autora em relação aos romances históricos tradicionais, que procuravam criar uma ilusão de realidade, a partir da reprodução mimética do seu quadro de referências.

² Essa categoria narrativa pós-moderna que promove a coexistência unificada entre discurso histórico e discurso ficcional foi denominada por Linda Hutcheon de "metaficção historiográfica" (HUTCHEON, 1991, p. 127).

³ Além de *Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz*, os romances de Heloísa Maranhão que se utilizam de material histórico como fonte de construção narrativa são, respectivamente, *Lucrecia* (1979); *Dona Leonor Teles* (1985) e *A Rainha de Navarra* (1986). Lembramos, ainda, que a autora publicou dois romances que tratam de matéria diversa: *Florinda* (1982) e *Adriana* (1990), além de *Castelo interior e moradas* (1973), um premiado livro de poemas.

⁴ A categoria do carnaval adotado por Bakhtin questiona o centro a partir das margens, e dá espaço a grupos marginalizados e/ou excluídos, como é o caso das mulheres. A carnavalização opera com a subversão do poder instituído, liberando-se de seus códigos oficiais e suas estruturas repressoras. Destrói, ao menos simbolicamente, as hierarquias opressivas e redefine os papéis sociais sob uma lógica invertida do mundo. (BAKHTIN, 1981)

2. A HISTÓRIA REVISITADA

Embora, como afirmou Luis da Câmara Cascudo no prefácio de *Lucrecia* (MARANHÃO, 1979), seja inútil consultar os dados da historiografia oficial para a leitura do romance “histórico” de Heloísa Maranhão, cabem aqui algumas informações básicas a respeito da vida real de Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz que ajudarão a justificar o uso de sua biografia como fonte de construção narrativa.

Até onde se tem notícia, Rosa Maria foi a primeira mulher negra a escrever um livro em nosso país. Esse livro intitulou-se *Sagrada Teologia do Amor Divino das Almas*, e reunia visões e pensamentos da escrava, que teria começado a escrever com mais de 30 anos de idade, obedecendo a uma visão espiritual. Com um volume de mais de 200 páginas, o livro da escrava seria destruído por seu confessor, depois que ela, em 1763, foi acusada de heresia e falsa santidade. Segundo Luiz Mott, seu biógrafo, Rosa Maria foi trazida da Costa da Mina, na África, para o Brasil com a idade de seis anos, aportando em 1725 no Rio de Janeiro, onde permaneceu até os 14 anos, quando foi deflorada por seu antigo proprietário. Depois disso, foi vendida para Minas Gerais, lá vivendo como meretriz por quase duas décadas. Como continuasse a ter visões e possessões, Rosa Maria foi examinada por uma junta de teólogos e exorcistas, que a tomou por embusteira, levando-a ao açoite. Temendo novas represálias, ela voltou para o Rio de Janeiro, onde fundou, em 1751, junto com seu ex-confessor e co-proprietário, o Recolhimento do Parto. Em 1763 foi enviada presa para os Cárceres do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa. Não se sabe o fim de sua história. Vale registrar que no altar do Recolhimento do Rio de Janeiro havia um quadro com a figura de Rosa trazendo o Menino Jesus no colo e uma pena na mão, o que dá bem a dimensão de seu prestígio junto aos fiéis. (MOTT, 1990, p. 43).

Esse material biográfico bastante rico, sob vários pontos de vista, é transfigurado esteticamente por Heloísa Maranhão, que, reformulando-o de forma lúdica e arbitrária, nele interfere ao bel prazer, promovendo um amplo debate sobre o tema da escravidão ao tempo do Brasil colonial. Como aponta Nelly Novaes Coelho (COELHO, 1993, p. 201), "muito mais que oferecer ao leitor um mero jogo ou um espetáculo inconsequente, a autora força-o a observar mais aquela realidade absurda que precisa ser notada e alterada. (É o momento em que o 'jogo' desencadeia a 'conscientização')".

O romance apresenta como protagonista uma inominada escritora, uma intelectual empenhada na valorização da cultura africana, em luta pela inclusão da história da África nos currículos escolares. Prestes a ir a um importante encontro em Brasília, a personagem é abordada por uma bela moça negra, que surge de repente e indaga: “Aonde é que você vai?” O jogo ficcional é acionado. A escrava, em tom autoritário, profere uma ordem expressa: “Sente-se aí, escritora. Diante da mesa. Máquina de escrever, pronto. Comece o seu novo romance, imediatamente (*Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz*, 1997, p. 9)⁵ A escritora reage à idéia de obedecer ao comando da moça negra, e contra-argumenta: “Impossível. Estou de viagem marcada esta noite para Salvador. Solenidades de abertura da Casa do Benin. Terreiros de Candomblé.(...) (RM, p. 9).

Esse diálogo marca o primeiro contato entre a personagem-escritora e a personagem de Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz, marcando também o entrecruzamento entre a história real e a ficção. Juntamente com a moça negra, outras figuras estranhas, africanas ou não, vão surgindo em cena, suscitam diálogos desconexos, deslocados da ordem lógica do mundo real:

Um homem embuçado num manto roxo surge de repente e se apresenta diante de mim. Descobre o rosto. Tem grandes bigodes de pêlos duros. Olhar de tigre enjaulado, reflexos marrons, estrias amarelas. Cheira a suor. Rosna:

⁵ Doravante, todas as citações do romance serão feitas pela sigla RM, seguida do número da página.

– Até que enfim. Eu amanhecia e anoitecia e pelo dia e pela noite eu não tinha ninguém para dizer “Oi”. Ah, viva a vida, não há morte. Tenha cuidado somente com a loucura.

Fico muito aflita, indago:

– Quem é você? Quem são vocês dois? Quem é você, moça negra? E ele?

A moça negra responde:

– Eu me chamo Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz. Isso depois que fui batizada. Antes, era só Xirico. Procure conhecer quem é ele. Tão fácil. (RM, p. 11).

O primeiro e o segundo capítulos do romance ainda demonstram a instabilidade entre a história que se quer instalar no primeiro plano do discurso e a resistência da escritora em se deixar possuir pela força que Rosa Maria Egípcíaca exerce sobre ela. Como é próprio da metanarrativa, o processo de criação é desvelado aos olhos do leitor, que acompanha de perto os vaivens que marcam o início da feitura do romance.

Quanto à recorrência histórica, ela se inicia efetivamente no terceiro capítulo, no qual já se apresenta um cenário novo. Totalmente dominada pela magia da criação literária, a escritora, tal qual a história oficial, mergulha no delírio de uma fecunda fantasia, precedido de uma, digamos, declaração de intenções por parte daquela, que usa o primeiro parágrafo do capítulo para expor, pela fala da escrava egípcia, a proposta ideológica que sustentará a narrativa: o prazer, amplamente concebido e tomado como precondição da própria existência humana:

É claro que não estou interessada na exaltação dos sentidos. Ou estaria? Por certo não estou convidando quem quer que seja ao escândalo. O que eu quero é dar prazer, alegria, conforto aos outros (...) A alegria e o prazer são fundamentais para que a natureza humana se realize (...) o amor, fruto do prazer e da alegria, é um forte sentimento que não deixa ninguém indiferente, sobretudo quando se vive neste país tropical, tão quente e oleoso, com um ar de África, e onde existem mulheres esplêndidas e garanhões desenfreados que sabem, perfeitamente, que não há nenhum pecado no gozo pleno do sexo. Ah, o sexo, fonte de vida, e de tudo quanto existe, intermediário da natureza nos seus propósitos mais altos e de maneira geral nem sempre bem aprendidos. É bom lembrar a regra dos cristãos, lei que determina que o homem cresça e se multiplique. A esse respeito é necessário acrescentar a firme determinação de gozar plenamente a vida,

mesmo quando as condições são adversas, como é o meu caso. Eu, Xirico, meu nome africano; eu, Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz, meu nome cristão. (RM, p. 21-2).

As inquietações da personagem-escritora são, obviamente, as da própria Heloísa Maranhão, cuja figura como instância externa da narrativa não desaparece, em absoluto, em nenhum de seus romances; ao contrário, exerce uma influência pessoal das mais ativas e determinantes. Trata-se de um trabalho que se efetua, portanto, no centro de uma experiência interior: a do reconhecimento de uma subjetividade por outra subjetividade, e a confluência de identidades femininas reativa o mesmo processo estrutural dos romances anteriores. Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz é uma personagem, por assim dizer, de segundo grau, porque personagem de outra personagem, a mulher que (re)escreve a sua história. Nesse complexo intercâmbio de vozes narrativas, instaura-se a confusão identitária; na verdade, a identidade da escrava é absorvida pela da escritora, que, plenamente integrada à sua personagem, confere-lhe o discurso em primeira pessoa, trazendo ao centro do debate a questão de gênero, a discriminação sofrida pelas minorias étnicas e a problemática da escravidão.

Recebendo a prerrogativa da fala, a escrava assume, então, um lugar que ultrapassa a sua condição marginalizada, o lugar da palavra, o lugar do poder. A partir daí, a história flui em um jorro contínuo que só se interrompe no penúltimo capítulo, quando a narração “histórica” subitamente termina em meio a uma missa, momento em que ocorre um deslocamento do tempo passado para o tempo presente. A personagem-escritora retorna a si, e, agora reintegrada à sua realidade contemporânea, retoma os preparativos para sua viagem a Salvador, que fora interrompida pela presença súbita da moça negra. Contudo, esse momento ainda é de tensão; Rosa Maria volta a aparecer para cobrar o final do romance: “Todo romance tem começo, meio e fim. Você, escritora, pluft! Mandou tudo pelos ares. Onde estão

os personagens? Só eu consegui voltar” (RM, p. 237). Desta vez, contudo, a outra se nega a obedecer-lhe; dando o livro por encerrado, considera que já acertou suas contas com a história. A criação ficcional é tomada, assim, como uma espécie de missão, cujo objetivo é definido pela escritora nas seguintes palavras: “Meu romance, ou seja, meu mergulho no antigo, tem um propósito: resolver o que não foi resolvido, inventar para desabafar, consertar o desconcertado. Na hora em que consegui, deitei fora o personagem.” (RM., p. 237). E conclui:

Um escritor se movimenta num universo inventado. Agora passo eu para o universo de verdade. Dê o fora, Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz; você cumpriu perfeitamente ao que veio. Eis o FIM. Obrigada. Não seja tola, não insista. Eu viajo agora para Salvador, na Bahia. (RM, p. 238).

3. O HIBRIDISMO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO

Heloísa Maranhão põe em campo o hibridismo cultural resultante das condições fronteiriças entre Brasil e África para traduzir e, portanto, reinscrever, a condição escrava a partir da perspectiva da minoria destituída do poder. Ao restabelecer à escrava africana o quinhão que lhe foi tirado, cumpre o programa pós-moderno de fragmentação das grandes narrativas celebradas pelo racionalismo pós-iluminista e faz valer, segundo Homi Bhabha, a “significação mais ampla da condição pós-moderna”, que é a consciência de que “os limites epistemológicos das idéias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, e até dissidentes” (BHABHA, 2001, p. 24). Ainda segundo esse autor, esses “hibridismos culturais” (p. 21), aos quais se procura conferir autoridade e poder político, emergem em momentos de transição histórica e indicam o crescimento da causa multiculturalista, que “vem da colocação de questões de solidariedade e comunidade em uma perspectiva intersticial”.⁴

Como espaço intersticial, situado no meio das crises de identidade, a narrativa de *Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz* transforma-se no tecido de interação simbólica entre Heloísa Maranhão, a personagem-escritora e a escrava egípcia reinventada por ela a partir de dados reais; ou seja, o romance é o tecido de ligação solidária, ou o ponto intersticial, não só entre branco e negro, mas entre pobre e rico, “superior” e “inferior”, o que significa o deslocamento da lógica binária por meio da qual identidades de diferença são construídas. É interessante notar, ainda seguindo a linha de pensamento de Homi Bhabha, que o ir e vir do movimento temporal e geográfico na narrativa, e a passagem que ele propicia entre subjetividades distintas, impede que uma ou outra identidade se estabeleça como primordial. Trata-se de uma polifonia, segundo a concepção de Bakhtin (1981), pela qual as vozes femininas que ressoam no texto não se fecham em uma narradora centralizante, mas relacionam-se umas às outras em condições de igualdade. Na realidade, essa passagem intersticial entre personalidades diferentes abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia presumida ou imposta: Heloísa Maranhão, a personagem-escritora e a escrava Rosa Maria são três pólos que interagem de forma integrada, solidária ou não-antagônica.

Essa integração solidária traz a primeiro plano, de forma mais contundente, como já dito, a denúncia da escravidão, que é veementemente combatida ora pelo viés da indignação, ora pelo da ironia. A par disso, o romance recupera dados reais da história brasileira do século XVII, época das capitâncias hereditárias; tece críticas ao imperialismo britânico, que dominou o tráfico negreiro, e ao tratado de Utrecht; reporta-se à movimentação política que sucedeu no período da invasão holandesa no Brasil; à invasão francesa no Maranhão; à história de Maurício de Nassau e à origem da dívida externa brasileira; à Guerra do Paraguai e assuntos

correlatos. Convivem no texto personagens de ficção, como Xipoco-Xipocué, a identidade evocada nos rituais de feitiçaria, o padre Xota (corruptela de Enxota-Diabos), Santa Rosa Maria e Santa Rosa de Lima, surgidas em sonhos e em visões da narradora, e ainda uma plêiade de personagens africanas que representam a escravidão no Brasil. Ao lado destes, figura um leque interminável de nomes famosos desse período histórico, personagens reais, como Dom Felipe Camarão, Dom Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, Matias de Albuquerque Maranhão, Domingos Fernandes Calabar, André Vidal de Negreiros, Francisco Rebelo, etc., com destaque para Rousseau, Tiradentes e Aleijadinho (com os dois últimos a protagonista, inclusive, contracena!). Há que se destacar, também, a revitalização do mito do Quilombo dos Palmares, com ampla valorização da atitude insubordinada do negro diante do branco escravocrata.

Não se pode furtar de reconhecer que, em muitos momentos, o fluxo narrativo se perde um pouco, tanto por conta da enumeração prolixa de nomes de origem africana quanto pelo detalhamento excessivo da história pessoal dessas personagens, cuja prova de verdade escapa por completo ao conhecimento do leitor comum, supostamente leigo em relação à riqueza desse universo cultural.

4. O DUO SIMBÓLICO SANTIDADE / PECADO

É interesse anotar que *Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz* é o único romance de Heloísa Maranhão que vem acompanhado de um subtítulo: “a incrível trajetória de uma princesa negra entre a prostituição e a santidade”, sugerindo um debate mais amplo sobre uma antiga dualidade inscrita em nosso imaginário cultural. Essa dualidade, que se presentificou de forma mais contundente em *Lucrécia*, pondo em confronto os discursos de Lucrécia Bórgia

(a devassa) e Teresa d'Ávila (a santa), retorna em *Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz*, que problematiza os papéis historicamente ocupados pela mulher em nossa cultura e, concomitantemente, acusa o aviltamento sofrido pela mulher escrava, forçada a submeter-se a todo tipo de licenciosidade sexual por parte do homem branco. Essa questão é um eixo temático dos mais importantes dentro do contexto do romance, porque referenciado na própria biografia de Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz, que teria vivido os dois lados de sua condição feminina: foi prostituta (ou prostituída) e foi também uma espécie de santa, porque porta-voz dos céus, possuidora que era de dons sobrenaturais, o que, inclusive, conferiu-lhe um grande privilégio (consta que era adorada de joelhos por brancos, mulatos e negros).

A questão da prostituição feminina é recorrente no romance, sendo referendada até mesmo por meio da personificação de animais, como no caso da cabra que é transformada em objeto sexual pelo "Sinhozinho", indo procurar guarita no Quilombo dos Palmares, declarando-se "uma humilhada" e "uma ofendida" (RM, p. 41), uma alusão à importante obra de Dostoievski (*Humilhados e ofendidos*), momento que, como tantos outros, assinala o caráter intertextual da narrativa.

Não é difícil concluir que Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz foi triplamente discriminada: por ser negra, por ser prostituta e por ser considerada herética em um tempo em que a Inquisição da Igreja Católica operava seus desmandos sobre aqueles que ousavam fugir ao domínio de seus dogmas; um domínio imposto pelo medo fundado nas ameaças de uma condenação eterna a um hipotético inferno. Além disso, ela teve a imperdoável ousadia de lettrar-se, chegando ao ponto de produzir um livro próprio; sendo, inclusive, apontada como a primeira mulher afro-brasileira a escrever um livro, o que acrescentou mais um ponto negativo à sua condição de transgressora, fato determinante para que fosse levada aos

tribunais da Inquisição. A esse respeito, a protagonista questiona: "O que é que sua religião, padre Xota, fez pelos escravos? Por que esmagam, trituram e tingem o chão com o seu sangue? O sangue dos negros." (RM, p. 151).

Em alguns momentos, tanto a condição escrava quanto a condição feminina são arrebanhadas sob um mesmo jogo parodístico, apresentando-se de forma caricaturada. O excerto abaixo, extraído de um diálogo entre Rosa Maria e sua Sinhá, é exemplar da ironia com que a narradora trata o sadismo do qual as escravas eram vítimas naquele tempo:

Não conheço nesta Capitania de Pernambuco nenhuma Sinhá tão boa quanto a Senhora. (...) Jamais passou pela cabeça de Sinhá servir como doce especial os olhinhos dessas negras bonitas, arrancados na ponta da faca, boiando em calda doce, como se tem feito em tantos engenhos do Nordeste. Nunca se viu na mesa de Sinhô a vagina de nenhuma negra, bem assada com molho de ferrugem, como aconteceu naquele engenho da Paraíba. Nenhuma escrava teve seus dentes quebrados a martelo. (RM, p. 53).

Contudo, o romance desconstrói a moral sexual cristã, ao restituir a mulher à vivência e aceitação plena do erotismo, uma vivência que a personagem-escritora desloca para o fazer literário, sob o apoio irrestrito do padre Xota, o tal homem "embuçado" que acompanha Rosa Maria na abertura da narrativa e cujo apelido cômico é amplamente explorado no romance, promovendo a aproximação da entidade religiosa com o órgão sexual feminino, renegado pelos padres em seu voto de castidade. Diz ele: "Acredito que seja bom para esta escritora o escrever. Sendo ela uma mulher compulsiva, verbalizar os seus sentimentos é sem dúvida a forma esplêndida de exercitar o seu erotismo." (RM, p. 13).

Além disso, no âmbito da ficção, Rosa Maria apresenta-se como uma escrava que desfruta de prazeres e privilégios especiais; ela é amante de seu "Sinhô", Dom Diego Velho Cavalcanti de Albuquerque, que, ao comprá-la, deflorou-a "gentilmente" (RM, p. 62) e fez dela uma espécie de amante exclusiva, dele e de dois amigos íntimos, jocosamente nomeados

de “Amigo Principal nº 1” e “Amigo Principal nº 2”. Todas as noites os três homens “cobrem” a escrava, que vivencia esses momentos como uma experiência erótica altamente prazerosa. Ao morrer, Dom Diego deixa-lhe em testamento sua mina de ouro em Vila Rica. Alforriada e rica, Rosa Maria passa a possuir poderes ilimitados, o que lhe permite alforriar todos os escravos que com ela convivem. Vê-se, portanto, que Heloísa Maranhão passa “a limpo” o destino da personagem, conferindo-lhe uma liberdade irrestrita e uma existência perfeitamente integrada ao gozo pleno da vida.

5. CONCLUSÃO

Com *Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz*, Heloísa Maranhão aborda, em um mesmo contexto discursivo, o tema da morte social do negro escravo e o da discriminação da mulher. E, enquanto reconstrói a narrativa da escravidão pelo viés da carnavalização e da paródia, reinventa a condição escrava pela perspectiva da minoria destituída de poder, traduzindo, ao mesmo tempo, histórias de exploração e o desenvolvimento de estratégias de resistência, apontando um afastamento da linha de argumentação lógica, que trabalha a serviço da ideologia e do cânone literário dominante. Nesse jogo narrativo, desloca-se a lógica binária por meio da qual as identidades racial e de gênero são frequentemente construídas. Trata-se de uma política textual que excede (ou ignora) o sentido mimético do real para projetar algo mais dialógico: a percepção da história e do real como idéia que emerge através de uma projeção metafórica, e por isso mesmo ambivalente. Na verdade, as estratégias de escrita operacionalizadas por Heloísa Maranhão parecem encaixar-se naquele conceito de “além” defendido por Homi Bhabha (BHABHA, 2001, p. 22), que não significa exclusivamente o figurar de um novo horizonte nem o abandono do passado, mas o cruzamento de espaço e

tempo, que produz “figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão.” No romance em questão, o não-habitual, o novo, o estranho é um ato insurgente de crítica cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, HOMI. **O local da cultura**. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MARANHÃO, Heloísa. **Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz**: a incrível trajetória de uma princesa negra entre a prostituição e a santidade. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1997.

_____. **Lucrecia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MOTT, Luiz. **Rosa Egípcíaca**: uma Santa Africana no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.